

Testemunho pessoal e emocional escrito na óptica de utilizadora ocasional de apoios, pontuais, do estado.

Eu sou um caso talvez atípico em relação aos apoios às artes. Quando comecei a criar, no tempo das presumíveis vacas gordas, achava que conseguia criar só com as co-produções e apoios que tinha e durante muito tempo resisti a concorrer aos apoios pontuais. Também sou um caso talvez atípico porque, apesar de criar de forma regular há mais de 15 anos, sou das poucas artistas da minha geração que nunca criou uma estrutura e, ou, companhia própria, pertencendo sim a, ou colaborando, com algumas estruturas ao longo dos anos, e, actualmente fazendo parte de uma dessas estruturas, ainda relativamente recente, que nunca recebeu outro apoio que não pontual. Como dizia, resisti durante muito tempo ao concurso, que me parecia tarefa homérica enfrentar, já nessa altura. Acabei por considerar, as vacas iam-se adelgaçando e o dinheiro das co-produções, apoios e vendas não aumentava, ao invés diminuía. Parece-me que só concorri quatro vezes ao longo de mais de 15 anos, E, desde a primeira vez e sempre, a dor de cabeça ou o quebra-cabeças ou a mula sem cabeça do preenchimento do formulário. Aprendi, com o tempo, a conseguir articular um discurso mais institucional e menos artístico para conseguir preencher o formulário, coisa que ainda faço não muito bem e que estranho.

(Ainda sou do tempo em que se ia entregar um dossier impresso cheio de imagens e desenhos na altura dos concursos e em que, apesar de algumas falhas no sistema, o que parecia ter mais valor era a qualidade artística do projecto e não percentagens e estimativas e majorações e etc).

Como dizia, estranho este processo e tenho de pedir ajuda a cabeças bem mais capazes do que eu para conseguir finalizar um preenchimento como deve ser, mas sempre, até e depois de chegar ao “Submeter”, com a desconfiança que não fiz isto bem, que devia ter revisto aquilo, que não me expliquei como devia, que não tinha caracteres que me bastassem para me explicar. Eu escrevo, por isso, falta-me sempre espaço para escrever mais um bocadinho.

O que sinto é que se perde o objecto artístico no meio da falta de espaço para mais caracteres institucionalizada. Que se tem de dar voltas e mais voltas e recorrer a sabe-se lá o quê para preencher critérios e atingir mais pontuação aqui e acolá. Que eu até aprecio o desafio de sair da minha zona de conforto e adequar o meu trabalho pessoal, de marca, a alguns temas ou critérios, aceito quase tudo como uma oportunidade de evolução artística, pessoal. Aceito quase tudo mas há coisas que me não fazem sentido, nem fazem sentido ao meu trabalho e tenho de me contorcer para encaixar, mal, como muitas vezes me parece, em outras caixas demasiado angulosas para quem é feita de carne e por isso menos angulosa e mais macia.

Sinto que concorrer aos apoios às artes é uma lotaria, somos muitos para tão poucos apoios, Temos de concorrer mesmo sabendo que temos poucas ou nenhuma co-produções, poucos ou nenhuns apoios outros. Somos muitos e queremos trabalhar com as condições mínimas para o fazer e dependemos de pontuações que muitas vezes não se nos adequam e nos parecem injustas.

É desproporcional o que um co-produtor, ou outro tipo de apoio ou bolsa de criação, exige para apoiar um projecto, em relação ao que a DGArtes exige, para atribuir valores que muitas vezes não justificam essa exigência. Um co-produtor pede um conceito, uma sinopse, uma ficha artística, uma imagem e confia no desenrolar do processo. Depois do projecto concluído, só em raras excepções é que pedirá um relatório financeiro. Outros tipos de apoios, mais ou menos privados, são também menos exigentes. Pedem uma descrição, nota de intenções, calendarização, ficha artística, orçamento e relatório final. Pergunto-me se será necessário mais do que isso para se avaliar uma candidatura?

Gostava muito de não temer a perspectiva de me candidatar a um apoio por saber o que me espera. A última vez que me candidatei fi-lo quase sozinha, e não o recomendo. Por ser artista não me sinto menos capaz para gerir aspectos de produção, organização ou gestão do meu processo criativo mas, enfrentar um formulário de candidatura como o corrente, é coisa para tirar anos de vida e horas de sono a qualquer um.

Também não sei se pôr projectos tão diferentes no mesmo saco faz sentido mas desconfio que não seria possível dividir ainda mais as categorias em que se inserem, a gestão de tudo isso seria provavelmente insustentável para um organismo que me parece já ter trabalho de sobra.

Sinto falta de bolsas de investigação e criação de curto prazo, por exemplo. Mesmo sendo independente sinto falta de condições para desenvolver um trabalho contínuo, de poder ter esse espaço, essa possibilidade, para crescer e desenvolver trabalho. Eu gosto muito de trabalhar mas sei que trabalho demasiado com demasiados projectos ao mesmo tempo porque não me é possível trabalhar de outra maneira, não tenho condições para trabalhar de outra maneira e luto muito por o poder fazer, de outra maneira, acreditem, mas a maior parte do tempo isso não é mesmo possível.

Eu que já à muito não sou emergente e ainda estou longe de ser consagrada, estou, como a maior parte dos meus pares, naquele território límbico de permanente instabilidade e precariedade, à mercê de modas e gostos, e políticas e não-políticas e redes e não-redes e toda uma série de coisas que me ultrapassam e que não se reflectem na qualidade do meu trabalho mas que se reflectem, isso sim, na existência, ou falta de, condições para o poder desenvolver e mostrar. Gosto muito de trabalhar, é mesmo capaz de ser o que mais gosto de fazer e por isso tenho esta fantasia romântica de o poder fazer com o tempo e o cuidado que me parece que todo o processo criativo merece (sendo que também já fiz peças num dia e escrevi textos numa hora, um processo é um processo é um processo e são todos diferentes e válidos e deveriam ser todos possíveis e respeitados).

Sinto falta de ajustes justos ao estatuto dos trabalhadores das artes como eu, intermitentes, flutuantes e precários, mas que trabalham tanto, tanto, e fazem-no por amor e casmurrice. Não somos especiais mas temos especificidades próprias na maneira de trabalhar, mas desenvolvemos trabalho em condições especiais, que deveriam ser, finalmente, consideradas. Será possível, finalmente, um novo regime de contribuições para a Segurança Social?

Sinto falta de uma política cultural clara, de saber ao que vou e onde vou, como vou. E, fazendo minhas as palavras de um comunicado resultante das Jornadas de Teatro de 2017 : não seria vantajoso para artistas e profissionais ligados às artes profissionalizar o apoio à criação a nível local, na gestão e na produção, para que as linhas programáticas se tornem mais coerentes e se processem com mais eficácia.

Sinto falta de uma política cultural nacional que arrisque nas pessoas, que arrisque nos artistas e no seu trabalho, que acredite que as manifestações artísticas se fazem com liberdade e em liberdade.

Faz falta ter um acesso mais directo a estruturas, teatros e equipas e equipamentos para agilizar a procura de apoios extra nos processos de candidaturas, por exemplo. Não se pode criar uma base de dados nacional nesse sentido?

Sinto falta de outros apoios mais descentralizados, de ideias e serviços focados para artistas e estruturas artísticas. Fico feliz em saber, por exemplo, da existência da nova Loja da Cultura no Pólo das Gaivotas, em Lisboa, para apoiar os artistas, nomeadamente, no acesso aos apoios do estado a projecto artísticos. Sinto falta de espaços de criação, de residência, de apresentação. É assim tão difícil pensar numa rede que abranja os teatros e demais espaços para que se circule e trabalhe de forma mais agilizada e com condições?

O que eu sei de, falar com pessoas de algumas estruturas, com as quais tenho colaborado, que viram reduzidos os seus apoios ou para as quais esses apoios deixaram de existir, é que se arranja sempre forma de dar a volta, mas com que sacrifícios? Para não desaparecer por completo, mas a que preço? Agrilhoadas à angústia da sobrevivência, não querendo desistir, mas esgotadas com o remediar da situação, com o medo do futuro, da desolada projecção. As estruturas estão estranguladas e presas a estratégias de sobrevivência que não lhes permitem fazer um trabalho contínuo, que não lhes permitem crescer.

Por tudo isso sinto falta de 1 por cento, 1 por cento para a cultura e acredito que é este o momento para lá chegar porque, a alternativa, como já se viu, não é solução, é desolação.

E, assim, termino a minha intervenção com um texto, um poema, da escritora britânica, (não é uma escolha ao acaso), Lorraine Mariner, traduzido por mim, ontem à noite:

Austerity measures

Medidas de austeridade

Apertámos os nossos cintos sim

Mas mesmo assim as bainhas das nossas calças

Insistiram em arrastar-se pelo chão

Fazendo-nos tropeçar

Sónia Baptista